

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

2º BIMESTRE

AUTORIA

ANDERSON LUIZ DA CONCEICAO

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

Em 1881, Machado de Assis publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma de suas obras mais destacadas ao lado de *Dom Casmurro* (1889). Ambas fazem parte de uma fase chamada de maturidade, fugindo da forte influência do Romantismo. Essa mudança Realista do autor, pode ser percebida logo a partir da leitura do primeiro capítulo:

CAPÍTULO 1

ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia - peneirava - uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: - “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.”

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, - minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, - a filha, um lírio do vale, - e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, epiléptica. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

- Morto! morto! dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, - a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranqüilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Klick Editora, 1997, p. 17-18.

VOCABULÁRIO

Pentateuco: Os Cinco Livros de Moisés, os primeiros da Bíblia, vão do Gênesis até o Deuteronômio.

Undiscovered country: Reino da morte – palavras ditas por Hamlet, personagem-título da obra de Shakespeare.

Ilisso: Riacho de Atenas, na Grécia.

ATIVIDADE DE LÍNGUA

QUESTÃO 1

Os termos integrantes da oração são fundamentais para completar o sentido da sentença. Por essa razão, é considerado erro gramatical a ausência deles em determinados contextos. Dentre esses termos, destacam-se os complementos verbais: objeto direto e objeto indireto, responsáveis por completar o sentido dos verbos. Outros dois termos também integrantes são o complemento nominal, quando um nome demanda complemento, e o agente da passiva, responsável pela ação na voz passiva. Destacamos duas passagens do texto que apresentam dois desses termos, que podem ser classificados, respectivamente, como:

“(...) a triste senhora mal podia crer na minha extinção.”

“Julgue-o por si mesmo.”

- a) Objeto direto e objeto indireto;
- b) Complemento nominal e objeto indireto;
- c) Objeto indireto e objeto direto;
- d) Complemento nominal e agente da passiva.

Habilidade trabalhada

Reconhecer os termos integrantes da oração.

Resposta comentada

Deve ser considerado a alternativa (C) como resposta, por apresentar respectivamente um objeto indireto, de acordo com a transitividade do verbo *crer* e seu complemento na minha extinção, e objeto direto, apresentando o pronome *o* como complemento verbal, representando o objeto direto.

TEXTO GERADOR II

A seguir temos o capítulo 27 de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, onde Machado de Assis, apresenta a amada de Brás Cubas, a partir de uma interrogação, descrevendo-a com alguns adjetivos e imagens típicos da idealização romântica para, em seguida, produzir uma espécie de ruptura com os valores da escola anterior ao Realismo, o Romantismo.

CAPÍTULO 27

VIRGÍLIA?

Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...? A mesma; era justamente a senhora, que em 1869 devia assistir aos meus últimos dias, e que antes, muito antes, teve larga parte nas minhas mais íntimas sensações. Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; e era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, - devoção, ou talvez medo; creio que medo.

Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos. Tu que me lês, se ainda fores viva, quando estas páginas vierem à luz, - tu que me lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando te vi? Crê que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento, nem injusto.

- Mas, dirás tu, se você não guardou na retina da memória a imagem do que fui, como é que podes assim discernir a verdade daquele tempo, e exprimi-la depois de tantos anos?

Ah! indiscreta! ah! ignorantona! Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos. Deixa lá dizer o Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Klick Editora, 1997, p. 74-75.

TEXTO GERADOR III

Com o a grande abertura e espaço nas mídias de massa, no mercado consumidor e mesmo nas decisões judiciais, surgem questões que nos faz refletir sobre: por que existem homossexuais? Seria um modismo apenas ou uma condição biológica? Até mesmo a ciência busca respostas para a questão do surgimento dos homossexuais. O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) não considerava satisfatórios os argumentos que vão desde os mais esotéricos aos científicos. Para ele, tudo o que dizem sobre as supostas causas da homossexualidade repousam em uma simplicidade ingênua. Leia o artigo a seguir que aborda o assunto a partir de dados biológicos e responda às questões 6 e 7.

O GENE GAY – CIÊNCIA A SERVIÇO DE IDEOLOGIAS

A busca por uma “essência biológica” para o homossexual persiste no imaginário popular, sobretudo por conta da divulgação de pesquisas (refutadas) em torno de um suposto

gene gay. Falo especificamente sobre uma das pesquisas mais conhecidas sobre a homossexualidade e Biologia, realizada pelo biólogo molecular Dean Hamer (1951) em 1993. Nesta pesquisa, Hamer afirma que a homossexualidade tem uma origem genética. Esta pesquisa é citada por muitos como forma de explicar que a homossexualidade é natural, assim como se pode nascer com os olhos azuis, ser albino e tantas outras características geneticamente estabelecidas. Foucault não teve a oportunidade de se deparar com a pesquisa de Hamer, uma vez que já era falecido há quase dez anos, mas os acontecimentos envolvendo o suposto gene gay na década de 1990 têm relação direta com as percepções de Foucault em sua História da Sexualidade.

Hamer publicou na edição de 16 de julho de 1993 da revista Science um artigo intitulado Uma ligação entre marcadores de DNA sobre o cromossomo X e a orientação sexual masculina. O artigo causou impacto na imprensa da época, suscitando posicionamentos entusiasmados por parte de alguns militantes gays. Ironicamente, com igual entusiasmo reagiram alguns homofóbicos, afinal – no raciocínio deles – se há uma causa biológica para a homossexualidade, ela poderia ser curada. Curiosamente, entre entusiastas pró e antigays, quase nenhum investigou o conteúdo científico do artigo que causou tamanho tumulto. Em verdade, Hamer não havia identificado um gene gay. Seria possível dizer, no máximo, que ele transpôs as primeiras etapas que poderiam eventualmente, mas não indubitavelmente, identificar um gene gay. Com esta pesquisa, Hamer no máximo tinha uma presunção, um indício de algo, mas jamais poderíamos dizer que um gene gay foi descoberto. O fato de existirem marcadores concordantes entre trinta pares de irmãos gays pode muito bem ter diversas outras explicações que nada têm a ver com preferências sexuais. E Hamer sabia disso, mas pareceu ignorar as alternativas. Tanto que sua pesquisa foi contestada por vários trabalhos posteriores como a investigação realizada em 1999 pelos médicos Rice, Anderson, Risch e Ebes, intitulada Homossexualidade masculina: Ausência de Marcadores em Xq28.

Ora, na medida em que se verifica que Hamer “pulou” etapas importantes do processo científico de investigação por estar comprometido com uma ideologia (ainda que bem intencionada e preocupada com os direitos humanos), percebem-se os perigos que

emergiam a partir de tudo isso, estigmatizando homens não-homossexuais portadores do “gene suspeito” Xq28, rotulando-os como “enrustidos”, e cobrando-lhes a confissão social de seus supostos desejos.

*(Revista Filosofia Ciência & Vida, Ano VI – nº 70 – maio 2012, p. 16, por Alexey Dodsworth-Magnavita
– mestrando em Filosofia Política e Ética pela USP)*